

ESTADO DE ARTE DA GUERRA CIVIL FEMINISTA

Susana Garcia¹

Membro Associado do Observatório Político

Resumo

Apesar de ser um fenómeno desconhecido de muitos, o feminismo – enquanto escola teórica e movimento – apresenta clivagens internas bastante pronunciadas, alicerçadas em diferentes construções do papel social da mulher, que “dividem para reinar”, colocando a interpretação da mulher em constante revisão, o que não só interfere com o progresso científico como retira aceitação por parte da opinião pública da legitimidade deste movimento. Deste modo, o presente *working paper* é inspirado no contributo da socióloga e feminista Camille Paglia em “Homens Livres, Mulheres Livres”, que analisa a evolução histórica do movimento feminista - e as suas consequências para a interpretação da mulher - que é herdeira de concepções contrárias ao contrato social, abordando as repercussões sociais que daí advém.

Palavras-chave

Contrato Social; Feminismo; Opinião Pública

Introdução

O feminismo, parafraseando Almada Negreiros, “até hoje *foi sempre futuro*”, pelo seu carácter promissor em termos de evolução enquanto campo de estudo, mas sobretudo pelas cisões internas que o desviaram do momento presente enquanto movimento político.

Neste sentido este *Estado da Arte da Guerra Civil Feminista* está organizado em três partes concernentes, respetivamente: à explicitação da evolução do movimento feminista; à análise da relação entre as Teorias do Contrato Social e os papéis de género, terminando com o caso de estudo *#TradWives* que ilustra o abordado nos prévios capítulos, estando complementado pela análise comparativa entre o trabalho de Betty Friedan, feminista da segunda vaga, e Helen Andelin, assumidamente antifeminista. A metodologia de pesquisa

¹Licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

utilizada foi a pesquisa bibliográfica, suportada pelo caso de estudo, retirado do jornal “El País”.

O objetivo inicial deste *working paper* era identificar as cisões existentes no movimento feminista e analisá-las com a matriz de *A Arte da Guerra* de Sun Tzu, o que acabou por não se realizar, dada a dispersão que provocaria, mas de que resultou a adaptação do título. Este artigo conserva, no entanto, o seu principal propósito que é elucidar a necessidade de tornar o feminismo inclusivo para os homens, dado que a igualdade não poderá verdadeiramente ser atingida entre os géneros, se estiver baseada na distinção, mesmo que positiva.

Dividir para reinar?

Quando nos referimos a *feminismo* é bastante comum dividir este movimento político, ideologia e campo académico de estudo em três fases diferentes – as denominadas *vagas* ou *ondas* - que, no entanto, carecem de consenso tanto quanto à sua caracterização individual, como à aceitação da sua ligação aos movimentos feministas do fim do século XIX. Para dificultar esta equação, começa atualmente a emergir uma quarta forma de feminismo.

Há pensadores que localizaram o início do feminismo na Grécia Antiga, com a figura de Sappho (570 AC), ou na Idade Média, colocando como rostos do movimento Hildegard de Bingen (1179) ou Christine de Pisan (1434). Inegavelmente, Olympe de Gouge, Mary Wollstonecraft e Jane Austen são as antecessoras (“*foremothers*”) do movimento feminista moderno.

Todas estas personalidades reivindicaram pela dignidade, inteligência e poder humano inerente ao sexo feminino. No entanto, apenas no século XIX tardio o esforço das mulheres pela igualdade de direitos ganhou uma identidade clara e uma direção enquanto movimento, ao invés de combinar uma diversidade de abordagens.

A primeira vaga do feminismo teve lugar no final do século XIX e início do século XX, resultante de um ambiente urbano e industrial onde se viviam efeitos de políticas liberais e socialistas. O objetivo desta onda foi abrir caminho para que as mulheres adquirissem direitos políticos, sendo a epítome desta vaga, a conquista do direito ao voto. O início formal deste movimento ocorreu na Convenção de Seneca Falls, em 1848, nos Estados Unidos, onde trezentas pessoas se manifestaram pela igualdade entre géneros.

No seu alvor, o feminismo estava intrinsecamente relacionado com os movimentos abolicionistas e foi uma plataforma que deu voz a muitos ativistas,

hoje esquecidos, e que revisaram o “culto do doméstico”. A discussão em torno da participação da mulher na vida política motivou a comparação entre as representações sociais de *homem* e *mulher*. Foi a concepção de que as mulheres *eram moralmente superiores aos homens* (ao serem mais cordiais e conciliadoras) que alicerçou a defesa da sua participação nas questões cívicas, como estratégia promotora dos processos políticos e do comportamento social.

A segunda vaga principiou nos anos 60 do século XX e estendeu-se até à última década do século, tendo decorrido de movimentos antiguerra e pró-direitos civis, acompanhados pelo crescimento da consciência quanto às minorias. Simultânea ao crescimento da Nova Esquerda, a segunda onda feminista ganha, então, uma tonalidade radical, acérrima defensora dos direitos reprodutivos e ligados à sexualidade. O objetivo principal – e força motriz do movimento – foi a aprovação da *Equal Rights Amendment*, que garantiu, nos EUA, a igualdade social entre ambos os sexos. O marco para o início desta nova fase do feminismo foram os protestos contra a Miss América, em 1968 e 1969, protagonizados pelo movimento *Redstockings* de Nova Iorque, que visavam ilustrar que este concurso representava a mulher-objeto, *reduzindo-a a um objeto de beleza dominado pelo patriarcado que a mantinha em casa ou em empregos de baixo rendimento*. (Rampton, 2019)

Nesta época, em que muitos movimentos sociais ganharam visibilidade, o feminismo foi perdendo relevância para questões como o fim da Guerra no Vietname, o que gerou revolta entre as mulheres e promoveu a formação de associações exclusivamente femininas e inteiramente dedicadas à consciencialização para o feminismo, marginalizando outras questões sociais também relevantes.

Esta segunda vaga evoluiu para patamares cada vez mais teóricos e abstratos, academicamente fundados numa fusão entre o neomarxismo e a teoria psicanalítica, começando a correlacionar-se a subjugação da mulher com críticas mais abrangentes, nomeadamente: ao patriarcado, ao capitalismo, à hétero-normatividade sexual e a construção do papel social da mulher, enquanto *dona de casa*.

Pela primeira vez, surgiu a distinção entre sexo e género, sendo estabelecido que a primeira corresponde à designação biológica e a segunda a uma construção social que é engenhada de modo diferente consoante a cultura e ao longo do tempo. Defendendo que “A Luta das Mulheres é Luta de Classes”, a segunda vaga do feminismo afasta-se da classe média americana, ocidental, caucasiana e *cis*², para promover a solidariedade para com as mulheres dos

² *Cis(generidade)* é a condição em que o sexo biológico de uma pessoa e a sua identidade de género correspondem.

países em vias de desenvolvimento. Ficaram cunhadas frases como “o pessoal é político” (Carol Hanisch), para demonstrar que todas as formas de opressão, desde a racial, à de classe, à motivada pelo gênero, estão relacionadas e deverão ser eliminadas, procurando purificar a sociedade de todas as formas de sexismo, *desde os desenhos animados aos altos cargos de governo* (Rampton, 2019).

Uma das principais exigências desta onda, foi o desenvolvimento e criação de espaços exclusivamente femininos baseados na crença de que mulheres que se entrelaçavam e interagiam criavam uma dinâmica especial, capaz de contribuir para melhorias no planeta, de um modo que não seria possível em equipas formadas por ambos os sexos. As mulheres tidas como mais humanistas, colaborativas, inclusivas, pacíficas, cuidadoras, democráticas e holísticas que os homens, tanto devido à sua biologia como à subjugação que sofrida – o que as transformava em mais competentes na resolução de problemas que os homens. Surge assim o *ecofeminismo*, criado para tentar captar a ligação inegável que a mulher teria com a Mãe-Natureza, visível pela conexão com os ciclos da terra e da lua, que vertia as mulheres em ambientalistas por defeito.

Em meados dos anos 90, ergue-se a terceira vaga do feminismo, influenciada pelo pensamento pós-colonial e pós-moderno que levou à revisão de conceitos e construções tais como: corpo, gênero, sexualidade.

As duas vagas anteriores de feminismo ficaram horrorizadas com as jovens feministas dos anos 90 que combinavam a defesa de igualdade entre gêneros com símbolos que, até então, eram associados à opressão masculina e sexualização da mulher: o batom, os saltos altos, os decotes pronunciados. Surgia, assim, um feminismo renovado e com poder que recusava a vitimização e classificava a beleza feminina como um direito em si, e não uma consequência da opressão patriarcal, porque *its possible to have a push-up bra and a brain at the same time*³.

Termos pejorativos quanto às mulheres foram utilizados pela sua “*guerrilha mímica verbal*” (Rampton, 2019) para desprover a cultura sexista de instrumentos de opressão verbal.

Com o advento da Internet, a *world wide web* dá um novo espaço às mulheres, que, ao contrário dos anteriores, não é corpóreo, catalisando a criatividade e a livre expressão, o que vem a demonstrar que a noção de gênero não foi

³ Este foi o slogan do *website Pinkfloor* que reunia jogos para meninas, que realçavam a típica feminilidade.

construída equilibradamente, carecendo de fluidez. Dissipa-se a noção de que *Homem e Mulher* são classes opostas.

É esta oposição a ler o feminismo como uma luta de classes que leva muitas mulheres (*third-wavers*) a dizerem que “não são feministas”, por não se reverem na exclusão promovida pela segunda onda do feminismo.

Esta terceira onda de feminismo apresenta-se ao mundo como sendo global, multicultural, eliminando fronteiras e recusando estruturas fixas e a mera análise de relações de poder, que prefere substituir por análises situacionais e dinâmicas, em constante revisão. Não se organiza nem se reconhece enquanto movimento; preocupa-se antes com os direitos humanos iguais para todos, tendendo, erroneamente, a presumir que a igualdade mínima já foi atingida, dispensando o rótulo *feminismo*, descartando o seu poder enquanto conceito.

No entanto, o seu *otimismo quase cego* (Rampton, 2019), motivou que jovens mulheres e homens se questionassem quanto ao desprezo pelas questões da segunda vaga, que progressivamente têm vindo a ser recuperadas e problematizadas novamente: questões como a violência sexual e contra as mulheres e as desigualdades económicas entre os géneros, têm vindo a ocupar de novo as agendas políticas.

Começa a instalar-se então uma quarta vaga do feminismo, que abandona a abordagem atômica da terceira vaga feminista, lembrando que a segunda vaga não deve ser apagada e foi meritória ao ter cumprido os seus propósitos: embora ainda estejamos longe do ideal, e de quebrar o *glass ceiling*⁴, o número de mulheres em posições de liderança na política e no mercado aumentou; as mulheres, atualmente, possuem, na generalidade – pelo menos, ocidental – direitos reprodutivos que estão na base das revoluções quanto à autoimagem que sucederam na terceira fase, como a contraceção oral feminina ou o direito ao aborto.

Não pode esquecer-se também o contributo inegável da segunda vaga para o feminismo enquanto campo académico, onde se definiram os estudos de género, estudos quanto à mulher, estudos *queer* e perspectiva de género.

Se na esfera da opinião pública, nos encontramos na transição entre uma terceira vaga otimista para uma consciente e grata quarta vaga, no mundo académico, a herança ainda é a da segunda vaga, que perspectiva homens e mulheres como classes mutuamente exclusivas. Por essa razão, quem se

⁴ *Glass Ceiling* é a designação que comumente se utiliza para designar a barreira que afasta uma determinada minoria de ascender na hierarquia, o surgimento desta expressão no Feminismo, faz referência à dificuldade de as mulheres acederem a cargos de chefia.

forma em *estudos de género* sai mais preparado para ser um teórico do que um ativista.

Os objetivos da segunda vaga feminista não foram construídos visando o acordo por parte da terceira vaga e, como tal, a quarta vaga, que pretende conciliar racionalmente os benefícios do contributo de ambas, depara-se com constrangimentos quanto à aplicação de *feminismo* como vocábulo que designa a igualdade entre géneros enquanto este é interpretado como a noção de supremacia não reconhecida das mulheres face aos homens.

Não obstante, dimensiona-se agora um quarto feminismo porque atualmente os jovens e as jovens que visam direitos iguais entre géneros, já não os constroem de modo binário, não aceitam herdar concepções seja de que movimento político for, sobretudo se não contemplar a interseccionalidade, que abrange todas as questões problemáticas do século XXI.

A cisão feminista e o contrato social

Camille Paglia, socióloga e feminista italiana, ao longo do seu trabalho e produção científica, tem explorado as dicotomias do feminismo e tem sido uma das suas maiores críticas, visando fazer a sua depuração. Em *Homens Livres, Mulheres Livres: Sexo, Género e Feminismo (2017)*, um compêndio dos ensaios que publicou ao longo dos anos 90, a autora apresenta sexualidade e erotismo como a interseção (complexa) entre natureza e cultura, defendendo que o modo como os indivíduos se relacionam com o sexo não pode ser reduzido a uma convenção social. Não acredita que a *felicidade e a paz voltarão a reinar* simplesmente pelos papéis sexuais serem purificados e a desigualdade social extinguida. Ao invés, imputa este objetivo utópico e negligente à influência política mais ancestral e primária da vida política e social que, por sua vez, se reflete nos movimentos políticos: as diferentes teorias do contrato social.

Camille Paglia apresenta-nos a tese de que o feminismo da segunda onda, que conforme referido previamente, pretende, depois de separar Homens e Mulheres em classes, obter a superioridade feminina, libertando-a da opressão patriarcal, herda a teoria do contrato social de Rousseau.

Em *O Contrato Social*, publicado em 1792, Rousseau opõe um estado de natureza romântico e benigno a uma sociedade corrupta, acreditando no ideal progressista de que o *paraíso na terra* (Paglia, 2017) seria atingido pelas reformas sociais, que toda a cultura do século XIX adotou. Rousseau recusa a visão pessimista do cristianismo em que o homem nasce impuro. O *pecado original* não existe: o Homem nasce naturalmente bom, tornando-se violento ou

criminoso se sofrer privação social, ao estar integrado em instituições disfuncionais, como uma família disfuncional, por exemplo.

As duas guerras mundiais destruíram este ideal. No entanto, os anos 60 recuperaram o Rousseanismo e a segunda vaga do feminismo, que também surgia, como qualquer movimento político liberal dos últimos 200 anos, foi influenciada por este modelo de pensamento. A disrupção entre segunda e terceira vaga do feminismo estabelecer-se-ia aqui.

Com o pensamento de Rousseau de pano de fundo, o feminismo de segunda geração culpabiliza a pornografia pela violação e, ao mesmo tempo, num presunçoso raciocínio circular, interpreta os surtos de sadismo como reações a esse mesmo fenómeno. No entanto, existem evidências de que situações de violação e sadismo existiram sempre ao longo da história de todas as culturas, mesmo sem a representação pornográfica.

Por outro lado, o feminismo de terceira vaga não correlaciona positivamente por definição as violações e a pornografia, adotando uma postura menos vitimizada da mulher que, conforme refere Camilla Paglia, *é responsável pela sua sexualidade, devendo por isso ser prudente e cautelosa em relação aos espaços que frequenta e as pessoas com quem se relaciona, submetendo-se a autocrítica quando erra, em vez de procurar consolo na família e nas instituições.*

Este novo posicionamento quanto ao papel da mulher advém da consciencialização de que o feminismo dos anos 60 errou ao separar sexo e relações de poder e da noção básica das relações de poder na sociedade ocidental – e na base do modelo económico capitalista – a exploração.

A teoria do contrato social que se contrapõe a Rousseau, é a do Marquês de Sade, que herda de Hobbes a noção de que o Estado de Natureza é violento, advogando que a sociedade é a força repressora que impede os Homens de regressarem ao seu estado inicial e primitivo de violência e luxúria.

Camille Paglia concorda com a posição de Sade: não é a sociedade que é criminosa (conforme afirma Rousseau), é sim, a força que reprime o crime. A socióloga italiana considera que o controlo social enfraquece a crueldade inata do homem, de que são exemplo os violadores: um violador surge quando há falhas no controlo social, não quando existem más influências sociais, como a pornografia.

Na minha perspetiva de análise, a distinção feita por parte de Camille Paglia reside na avaliação da presença de relação de causa efeito entre acontecimentos simultâneos. Considerando que as violações e a pornografia

são esses acontecimentos simultâneos, denomine-se, respetivamente, Y (variável dependente) e X (variável independente).

Se aplicarmos a lente do contrato social de Rousseau, em que a sociedade molda o indivíduo, sendo interpretada como motivador das suas ações, a representação pornográfica da mulher, enquanto fenómeno social, influencia o comportamento dos indivíduos, puros na sua essência, molda a ação dos indivíduos e, como tal, é ela que conduz diretamente à violação, atuando o indivíduo como mero transistor. Ainda assim, X leva a Y, porque a existência de pornografia na sociedade determina diretamente a existência de violações. Por sua vez, se aplicarmos a conceção do Marquês de Sade, não existe ligação causal direta entre X e Y, embora estes sejam acontecimentos simultâneos. Para que exista ligação causal entre X e Y, seria necessária a introdução de uma terceira variável, a *integração social*, dado que Sade enfatiza o papel da correta integração social na repressão das pulsões violentas, inatas ao ser humano.

Podemos concluir, deste modo, reafirmando a tese de Camille Paglia, que as feministas da segunda onda estão equivocadas ao culpabilizar a mera existência de pornografia pelos reiterados atos de violência, sexual e não só, contra mulheres em todo o mundo. A complexidade causal é superior a esse dado, o que é indicador de que a representação da mulher é apenas uma das variáveis a considerar, um aspeto quanto ao qual todas as vagas de feminismo precisariam refletir.

Camille Paglia defende que o enfoque do feminismo académico e militante na linguagem politicamente correta, com descuido deliberado da vertente biológica, com intenções reformistas, acarretou perdas quanto à história da sexualidade, que produzem raciocínios falaciosos, como aqueles que fazem uma relação direta entre a violação e a pornografia. O perigo de produzir raciocínios falaciosos para sustentar a argumentação de questões relevantes e sensíveis como o feminismo é, traduz-se na perda de credibilidade, que afasta inclusive mulheres que se definiriam como *feministas*.

Quem são as #TradWifes?

Em 1963, Helen Andelin publicou o livro que viria a ser apelidado de “O Livro Que As Feministas Adoram Odar”, *Fascinating Womanhood*, o manual para a dona de casa ideal. Atualmente, emerge na Internet o movimento #TradWife, que recupera os ensinamentos deste manual da professora de economia doméstica americana que deu aulas de etiqueta a milhares de americanas. As autodenominadas *tradwifes* existem em maior número nos Estados Unidos e

Reino Unido, onde o movimento teve origem, assim como na Alemanha, Brasil e Japão.

As *tradwives* apresentam uma estética híper feminizada e reportam a valores que colocam o homem como chefe de família, detentor de direitos sobre elas e a prioridade numa família, por serem a força de trabalho.

Se em Inglaterra este movimento surgiu naturalmente, derivando de valores conservadores, nos Estados Unidos, a atitude abertamente reacionária e antifeminista está ligada aos movimentos de supremacia branco da *alt-right*⁵.

No seio deste movimento já foram lançados, inclusive, desafios virais, com cariz xenófobo como o *White Baby Challenge*, em que o objetivo era subir a taxa de natalidade ocidental, especialmente de bebés caucasianos.

Annie Kelly, investigadora do movimento *tradwife*, em declarações ao El País, classifica este retrocesso na abordagem emancipatória do papel da mulher como uma atitude saudosista de um regime económico mais próspero de outrora - algo que Betty Friedan em *A Mística Feminina* (1963) já houvera previsto, ao considerar que o papel da mulher enquanto dona de casa, cuidadora, numa posição indefesa e subordinada ao regime patriarcal é uma estratégia económica de preservação do capitalismo, já que as “senhoras” canalizam a frustração proporcionada pela abnegação através do aumento no consumismo. Alena Kate Pettit, um dos rostos mais conhecidos deste movimento, afirma “*Sou a CEO da minha própria empresa que é o lar*”.

No seguimento da análise previamente realizada para este *paper*, alerta-se para o aumento do surgimento de movimentos antifeministas no decorrer de ideais de extrema direita que, discutivelmente, se começam a propagar, mas também se reconhece que a janela de oportunidade para o surgimento destes movimentos, embora não seja dada pelas incongruências no feminismo, é por elas alargada e ampliada.

É frequente nas comunidades *tradwife* o argumento de que se adotou este modo de vida porque “não se quer ser feminista”, um contexto produzido pela clivagem entre segunda e terceira vaga do feminismo, que a recém-nascida e conciliadora quarta vaga não conseguiu apaziguar, em parte porque as mulheres, apesar de terem sido inseridos mais elementos emancipadores, se adaptaram culturalmente ao papel indefeso perante o homem, epítome do Patriarcado, e ainda se debatem contra ele, na sua generalidade.

⁵ *Extrema Direita Alternativa*

A teoria do contrato social, segundo Rousseau, também potencia, em termos de fundamentação política, que as *tradwives* tenham preferência por esta configuração familiar e dinâmica doméstica, dado que a primeira instituição social a contribuir para a preservação do bem-estar intrínseco do indivíduo é a família, que elas concebem formada pela colaboração entre si e o marido, que devem manter feliz e satisfeito a todo o custo.

Conclusão

O feminismo será dos movimentos políticos mais promissores no futuro, pelo potencial de revisão que contém em si mesmo. Num mundo em constante mudança e interação, a interseccionalidade que o caracteriza será também fértil em contributos científicos.

A principal armadilha, conforme se demonstrou ao longo deste *working paper*, para que o feminismo evolua e se torne cada vez mais inclusivo necessita considerar que Homens e Mulheres são classes diferentes, mutuamente exclusivas, por culpa da Natureza ou do Patriarcado. As feministas tornam-se assim um problema para a própria solução que querem atingir.

Provavelmente, as diversas clivagens do feminismo nunca desaparecerão, nem serão conciliadas numa resposta unânime para a desigualdade de género, estando sempre em iminente perigo de erupção.

Será o trabalho construtivo entre a academia e a sociedade que garantirá maiores condições para as mulheres e libertará muitos homens de um papel que não é o seu. Para tal, a primeira coisa que o feminismo tem a recuperar, para evitar que seja (ainda mais) fragilizado por outros movimentos políticos e ideológicos, como os da extrema direita, é a propriedade quanto à sua significação, lembrando todas e todos de que queremos caminhar lado a lado, livres e em igualdade de direitos.

Referências Bibliográficas

Andelin, H. (1990). *Fascinating Womanhood*. Nova Iorque: Bantam.

Friedan, B. (1963). *A Mística Feminina*. Nova Iorque : WWNorton.

Paglia, C. (2017). *Mulheres Livres, Homens Livres: Sexo, Género e Feminismo*. Quetzal.

Rampton, M. (14 de Julho de 2019). *Four Waves of Feminism*. Pacific Magazine.

Villodres, M. L. (2019). *Mujeres de Valores Tradicionales - El Ama de Casa Sumisa en Internet*. El País.

OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Rua Almerindo Lessa

Pólo Universitário do Alto da Ajuda,

1349-055 Lisboa

Tel. (00351) 21 361 94 30

geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

GARCIA, Susana. «Estado de Arte da Guerra Civil Feminista», *Working Paper #95*, Observatório Político, publicado em 30/09/2020, URL: www.observatoriopolitico.pt

Aviso:

Os *working papers* publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respetivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.